

Noam Chomsky e política dos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970

RAÍRA DA CUNHA NUNES ABI-RAMIA*

A proposta central deste trabalho é estudar o intelectual Noam Chomsky, sobretudo, alguns de seus artigos e entrevistas que oferecem uma crítica incisiva a alguns aspectos da Nova Esquerda durante as décadas de 1960 e 1970, que tangenciam diretamente o seu discurso crítico em relação à política externa intervencionista e violenta dos Estados Unidos no Sudeste Asiático. De acordo com ele, a história dos Estados Unidos tem a promoção da democracia como um aspecto decisivo da identidade política do país e da perspectiva nacional e, além disso, da maneira como são definidos os interesses além das fronteiras.

Nesse sentido, este trabalho consiste numa análise do ativismo político desse intelectual em relação aos movimentos pelos direitos civis, nos Estados Unidos. Especificamente, busco entender os motivos pelos quais Chomsky não integrara, e criticava, o movimento da Nova Esquerda. Ainda que ele e o grupo de intelectuais integrantes da Nova Esquerda possuísem objetivos e intenções comuns e mesmo discursos similares, alguma finalidade sobrepujou as diferenças, os conflitos, as oposições de ideais. E, ao demarcar esse contexto intelectual como objeto dessa análise, visto apresentar as intenções e motivações concorrentes entre esses autores, os modos pelos quais eles formam uma homogeneidade, bem como suas diferenças, a sociedade na qual tais intelectuais estão inseridos, a cultura à qual eles pertencem, bem como as estruturas argumentativas em comum da formação de suas ideias.

Esta análise será marcada principalmente pelo período da Guerra do Vietnã, momento no qual a nação estadunidense se viu desmoralizada, e foi às ruas para manifestar contra a intervenção militar. Entendendo, portanto, que a decisão dos EUA de intervir na Guerra do Vietnã foi uma ação completamente compatível com a lógica da potência global capitalista assumida ao longo da Guerra Fria. Assim como salienta o historiador Eric Foner, A Guerra Fria era o momento no qual os EUA tinham a possibilidade de ressignificar seu ideal de liberdade, essencial para a construção da identidade norte-americana. A liberdade tornou-se a bandeira da guerra anticomunista para os Estados Unidos e, também, a justificativa para o favorecimento do livre comércio.

Ao passo que a escala de envolvimento militar do Estados Unidos no Vietnã atingia níveis altíssimos, o movimento anti-guerra também crescia e integrava a onda de movimentos pelos direitos civis da década de 1960 nos EUA. Tais movimentos tinham suas bases no grande e sólido movimento negro, que já militava há mais tempo por uma política de não segregação racial e pela busca da igualdade de direitos. Formava-se nos EUA uma massa de jovens ativistas e um clima de desobediência civil, que repensava o verdadeiro sentido da liberdade naquela sociedade. Igualmente, a ânsia por liberdade e a crença na mudança social impulsionaram o surgimento de outros movimentos sociais como a Nova Esquerda, formado por estudantes, professores e intelectuais; a segunda onda do movimento feminista e o nascimento da contra – cultura.¹

Em 1960, o sociólogo americano C. Wright Mills ajudaria a popularizar a expressão “Nova Esquerda” nos Estados Unidos através de sua *Letter to the New Left* (“Carta à Nova Esquerda”)², na qual afirma a necessidade de um novo movimento esquerdista, que não estivesse arraigado ao operariado e às questões econômicas, isto é, que se diferenciasse da esquerda tradicional. A Nova Esquerda deveria abordar, segundo o texto de Mills, novos problemas como a alienação dos indivíduos na sociedade de massas, temática recorrente entre os intelectuais dos anos 50. Principalmente a partir de 1968 e até os primeiros anos da década de 70, a expressão tornara-se mundialmente conhecida, passando a representar um conjunto internacional de movimentos variados, independentes, mas que possuíam alguns elementos comuns. Segundo a análise George Katsiaficas³, um dos autores que entendem a Nova Esquerda como um fenômeno global, tais elementos seriam: a oposição à dominação racial, política e patriarcal, assim como à exploração econômica; a ressignificação do conceito de liberdade, que, além da ideia de liberdade da privação material, transmitia a liberdade para criar novos seres humanos; a extensão do processo democrático e a expansão dos direitos dos indivíduos; uma base

¹ Ver FORNER, Eric. *The Story of American Freedom*. Nova York/Londres: W. W. Norton & Company, 1998, p. 249 – 305.

² A carta de Mills foi publicada em dos periódicos mais destacados da Nova Esquerda Britânica, a *New Left Review*: MILLS, C, Wright. *Letter to New Left*. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/humanism/mills-c-wright/letter-new-left.htm>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

³ Ver KATSIAFICAS, George Nicholas. *The Imagination of New Left: A Global Analysis of 1968*. Boston: South end Press, 1987, p. 17 – 27.

revolucionária ampla, deixando de lado a análise tradicional do proletário como o agente transformador da sociedade; e a defesa do confronto direto com os elementos de opressão.

Dessa forma, sugere o historiador Rodrigo Farias de Sousa em seu estudo sobre Nova Esquerda Norte-americana, que essas características do novo movimento levaram a alguns conflitos e tensões para com a chamada “Velha Esquerda”, a esquerda predominantemente marxista, com ênfase na organização dos trabalhadores industriais como método das transformações sociais.

Além disso, Sousa aponta que o início da intervenção militar no Vietnã, em 1965, foi um fator crucial para a mudança da relação entre o movimento da Nova Esquerda e o governo dos Estados Unidos. Isto é, o governo norte-americano que havia tomado medidas em favor de minorias com a Lei dos Direitos Civis e admitido a luta contra a pobreza no projeto “Grande Sociedade” do presidente Lyndon Johnson – duas grandes reivindicações da Nova Esquerda –, deixou de ser um aliado importante na luta por reformas sociais para cada vez mais se tornar, na visão dos ativistas, um adversário, ou até mesmo um inimigo. A escalada militar em apoio ao regime ditatorial e não popular no Vietnã do Sul colocou o governo dos Estados Unidos em posição oposta aos princípios democráticos e humanitários do movimento, mas também uma ameaça direta, representada pelo alistamento militar obrigatório dos jovens integrantes da própria base da organização. A Guerra do Vietnã, que primeiramente fora uma questão secundária para esses ativistas, ganhou uma importância crescente, apesar dos esforços da SDS (*Students for a Democratic Society*), umas das organizações de base da Nova Esquerda norte-americana, para não torna-la o tema principal de sua luta. O engajamento na campanha contra a intervenção militar no Vietnã e a insistência do governo levaram a SDS, e o movimento da Nova Esquerda como um todo, a uma radicalização de proporções ainda maiores em seus discursos e de suas ações. A luta contra um governo que insistia em um conflito que gerava a morte de milhares de vidas americanas e vietnamitas ganhou discussões fervorosas e criaram uma polarização na sociedade americana.⁴

É também nesse momento que questões concernentes ao papel do intelectual e à relação entre a academia e um contexto social mais amplo começaram a ter mais

⁴ Ver SOUSA, Rodrigo Farias de. *Nova esquerda americana: de Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.p 12-68.

importância para Chomsky. Ele que havia se destacado no meio acadêmico por seu trabalho revolucionário no campo da linguística e da filosofia, principalmente a partir de sua nomeação como professor catedrático do MIT no Departamento de Línguas Modernas e Linguística (agora o Departamento de Linguística e Filosofia), dava início a um debate aberto sobre política externa e, juntamente, assumia publicamente o papel de observador e crítico político.

Segundo o próprio Chomsky, sua posição política pode ser identificada de várias formas: anarquista, anarco-sindicalista e socialista libertário, aliando-se ao anarquismo clássico e aos críticos marxistas libertários. Nesse sentido, destacam-se como suas principais referências teóricas os anarquistas Mikhail Bakunin (1814 – 1876) e Rudolph Rocker (1873 – 1958), e o filósofo político liberal Bertrand Russell (1872 – 1970).

Em seu artigo “*Notas sobre o anarquismo*”, publicado em 1970, o autor constrói a defesa do anarquismo contra aqueles que admitem a ideologia como utópica, sem forma, primitiva, ou de alguma maneira incompatível com a realidade de uma sociedade complexa. Para isso, argumenta, que em cada fase da história, a nossa preocupação deve ser a de dismantlar as formas de autoridade e opressão, justificadas em determinadas épocas em termos de necessidade de segurança e desenvolvimento econômico, mas que contribuem para com – ao invés de aliviar – déficit material e cultural.

No âmbito da Guerra Fria, Chomsky apontou que o socialismo libertário esteve inserido nas sociedades industriais de maneira descritiva, mas que as ideologias dominantes foram as do socialismo de Estado ou do capitalismo de Estado, que segundo ele demonstravam um caráter mais militarizado nos EUA. Ele também confere uma posição hostil e crítica a Lenin e a “burocracia vermelha”. Segundo o ativista Chomsky, o leninismo tornou-se prisioneiro de seu próprio ambiente e usou o movimento internacional radical para satisfazer as necessidades especificamente russas, que logo se tornaram sinônimo das necessidades do Partido-Estado bolchevique.

Suas ações como ativista político iniciam-se substancialmente em 1965, quando organizara um comitê cidadão para recusar a taxa de impostos, promovendo um protesto contra a Guerra do Vietnã. Em fevereiro 1967, é publicado na revista *The New York Review of Books* o artigo “*A Responsabilidade dos Intelectuais*”, no qual Noam Chomsky estabelece uma crítica intensa à intelectualidade estadunidense, que, segundo

ele, era a responsável por fundamentar e/ou justificar as ações desastrosas da política externa dos Estados Unidos no Sudeste Asiático. Dois anos mais tarde, ele veio a lançar o seu primeiro livro de crítica política: *“O poder americano e seus novos mandarins”*.⁵ Esses textos facilitariam sua associação com os intelectuais dissidentes que faziam parte do movimento da Nova Esquerda Norte-americana, já que fora um dos poucos momentos em que o discurso do autor se mostrou esperançoso diante dessa intelectualidade que parecia se identificar com a ideologia do socialismo libertário:

Para mim, parece que o renascimento do pensamento anarquista na Nova Esquerda e as tentativas de colocá-lo em prática são o desenvolvimento mais promissor dos últimos anos, e se, esse desenvolvimento puder se solidificar isso oferece alguma real esperança de que a presente crise americana não vai se tornar uma catástrofe americana e mundial.⁶

No momento de explosão do movimento estudantil nos Estados Unidos, Chomsky encontrou aliados e plateias dentro dele. Porém isso não significa que as universidades eram o foco dos seus debates políticos. Como ressalta Robert Barsky, biógrafo de Noam Chomsky, suas primeiras palestras sobre a guerra ocorreram em igrejas ou na sala de estar de alguém, com poucas pessoas presentes. Houve palestras em faculdades, mas que geralmente aconteciam em sala de aula. O primeiro evento com público ocorreu em outubro de 1965, no Boston Commom (um local aberto em que as pessoas podem andar, praticar esportes e falar em público). Chomsky seria o orador, mas a manifestação foi atacada por uma multidão furiosa de estudantes universitários, que teve de ser controlada pela polícia local.⁷

Apesar de admirar e defender “o desafio às universidades” que os estudantes estavam apresentando com tanta coragem e intensidade, Chomsky argumenta em seus textos da época que considerava suas ações muito mal orientadas, criticando-as com base

⁵ Idem. *The American Power and the New Mandarins*. Londres: Pelican Books, 1969.

⁶ Idem. *The American Power and the New Mandarins*. Londres: Pelican Books, 1969, p. 21, tradução minha: To me it seems that the revival of anarchist thinking in the New Left and the attempts to put it into effect are the most promising development of the past years, and that if this development can solidify it offers some real hope that the present American crisis will not become an American and world catastrophe.

⁷ Ver BARSKY, Robert. *Noam Chomsky: A Life of Dissent*. Massachusetts: The MIT Press, 1997. Disponível em: <http://cognet.mit.edu/library/books/chomsky/chomsky/>

na ideia de que não era suficiente opor-se publicamente às classes dominantes a partir do conhecimento de ações revolucionárias anteriores. De acordo com sua crítica, havia a necessidade de se refletir sobre a peculiaridade e validade das ações revolucionárias atuais. Essa postura adotada por Chomsky chegou a acarretar alguns conflitos entre seus alunos na época, já que geralmente o consideravam como um aliado natural e ficavam surpresos com o ceticismo acerca da maneira como o movimento estudantil estava organizando e agindo em seus protestos. Ele era “solidário em espírito, mas muito crítico”.⁸

Em entrevista dada a revista inglesa *New Left Review*, em setembro de 1969, Chomsky é questionado sobre os limites das ações estudantis sobre a possibilidade desse movimento e da New Left se atrelarem à classe trabalhadora nos Estados Unidos. Se isentando de divagar sobre as questões ideológicas de formação desse movimento nas universidades, a resposta do autor reflete uma preocupação latente com as intervenções no Vietnã, que precisavam ser impedidas.

Se os vietnamitas tiverem que esperar até nós construirmos um movimento político sério contra todas as formas de repressão capitalista nos Estados Unidos, então eles serão todos mortos. (...) Não tenho nada contra o uso dos aspectos desiguais da sociedade americana como uma arma contra sua política externa. Em qualquer caso, não podemos retardar a questão do Vietnã, a fim de construir um movimento mais sobre questões de longo prazo. Mesmo que estes dois objetivos estivessem em conflito, eu acho que devemos dar prioridade ao objetivo de acabar com a guerra. Mas eles não estão em conflito. Oposição de princípio à guerra levará diretamente para a oposição de princípio ao imperialismo e as causas do imperialismo e, conseqüentemente, para a formação de um movimento anticapitalista com princípios.⁹

⁸ Ver CHOMSKY, Noam. In *Defense of the Student Movement*. 1971. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/1971----03.htm>; *Mayday: The Case for Civil Disobedience*. In *The New York Review of Books*, 1971. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19710617.htm>; *On Resistance*. In: *The New York Review of Books*, 1967. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19671207.htm>; *On the Backgrounds of the Pacific War*. In: *Liberation*, 1967. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/196709--.htm>

⁹ Idem. *Language and Politics*. Oakland: Ak Press, 2004, p. 105, tradução minha: If the vietnamese have to wait until we build a serious political movement against all forms of capitalist repression in the United States, then they are all going to be dead. (...) I have nothing against using the inequalitarian aspects of American society as a weapon against its foreign policy. In any case, we cannot delay on the Vietnam issue in order to build a movement on more long-term issues. Even if these two goals were in conflict, I think we should give priority to the goal of ending the war. But I do not they are in conflict. Principled opposition to the war will lead directly to the principled opposition to imperialism and to the causes of imperialism and hence to the formation of a principled anti-capitalist movement.

No que se refere aos consagrados eventos do ano 68, esses não tiveram uma consequência crucial para Chomsky porque ele, como alguns outros, estiveram participando acuidamente de acontecimentos nos anos anteriores. Como é destacado por Barsky em sua biografia, ele havia sido fascinado por política por toda sua vida e politicamente ativo por toda década de 1950 e 1960. Talvez por isso, Chomsky apresentou nitidamente uma angústia em relação ao rumo que estavam tomando as revoltas estudantis e o movimento da Nova Esquerda nos Estados Unidos, questionando os objetivos dos ativistas. De acordo com ele, o SDS tinha, então, se autodestruído; seus líderes estavam correndo de um lado para o outro, dizendo que a guerra era um “tema liberal” e que eles tinham que dar prosseguimento à revolução.

Embora fosse recorrentemente procurado por ativistas e estudantes que valorizavam seu engajamento político e seu conselho no sentido de buscar locais e estratégias apropriadas para expressar suas preocupações urgentes, Noam Chomsky não se identificava com nenhuma forma de liderança política exaltada na época, desde Che Guevara até Mao ou Lênin. Ele havia se consolidado como um cientista de ideias racionais e com uma consciência social que lhe dá coragem e confiança para reconhecer que a racionalidade também deve ser empregada para uma fim social maior: a de encorajar o pensamento autônomo e criativo.

A crítica de Chomsky ao movimento da Nova Esquerda Norte-americana caminha juntamente com seu esforço peculiar de antiofuscação ou antiintelectualização, como salienta Robert Barsky. Ele rejeitou, e ainda rejeita, o papel de oráculo ativista, que provavelmente teria desempenhado com sucesso se tivesse adotado uma postura política mais apaziguadora. No entanto, preferiu recusar essa opção e seus textos políticos vieram a enfatizar cada vez mais a preocupação com o papel do intelectual e sua responsabilidade social, e uma crítica incisiva à esquerda que escolheu apoiar posições do *status quo*.

A preocupação e crítica permanente de Noam Chomsky é direcionada a aqueles que praticam algum tipo de teorização, obscurecimento da realidade, que desviam a atenção do público daquilo que é essencial, é praticamente paupável. Acima de tudo, ele alerta para o perigo de perder de vista o que é verdadeiramente importante em uma determinada situação. Se, por exemplo, alguém desenvolve uma crítica as decisões particulares de um governo específico, esse alguém subentende que certas decisões são

melhores que outras dentro da estrutura existente naquela administração, portanto, a endossa tacitamente. O objetivo deveria ser testar a validade ideológica da estrutura para livrar-se de suas limitações e restrições. Nesse linha de pensamento, Chomsky defende que qualquer um que se concentrasse, de fato, na sociedade em que vive, poderia efetuar uma crítica política adequada, que os intelectuais tentam parecer ser difícil.

Em sua crítica ao intelectuais, Chomsky não nega a possibilidade de análises mais profundas naquele momento. Para ir além da crítica política e da denúncia da corrupção, ele defende que se deve ter um entendimento dos mecanismos – econômicos, psicológicos, jurídicos, sociológicos – que limitam nossa capacidade de compreender ou de agir em favor de uma sociedade libertária de esquerda. No entanto, é evidente que em seus trabalhos como ativista política Chomsky se dedica a expor os acontecimentos de forma clara e simples, já que considera não serem muito bem entendidos ou, até mesmo, que tenham sido distorcidos pela mídia.

A nítida posição de Chomsky ressalta a inexistência de teorias que poderiam tratar das questões e acontecimentos daquele momento presente. De acordo com ele, esse tipo de trabalho teórico parecia bem óbvio, uma tentativa de revestir em algo mais importante do que era, que conferia fama dentro do meio acadêmico para esses intelectuais públicos.

Além disso, deve-se compreender que a diferença fundamental entre o pensamento de Noam Chomsky e dos intelectuais da Nova Esquerda está na valorização da autonomia da classe trabalhadora, no que se refere a uma ampla compreensão da revolução social que visava o detrimento do sistema capitalista nos Estados Unidos.

Entretanto, através da análise de textos de Noam Chomsky é possível afirmar que seus esforços enquanto ativista político, iniciados substancialmente na década de 1960 e claramente continuados ao longo da década de 1970, foram destinados a alertar a população para os eventos cruciais, dos quais as pessoas pouco conheciam, porque foram desviadas e distraídas, com êxito, por campanhas de propagandas altamente organizadas, e numerosas outras táticas, algumas vezes consciente e outras vezes inconscientemente empregadas. Igualmente, o trabalho político de Chomsky, pode se afirmar, é construído sobre preceitos particulares que são explicados com relação a questões singulares (Vietnã, Camboja, Oriente Médio), mas que ele propõe, implicitamente, sem a pretensão de

responder e ou solucionar questões. Os textos políticos de Chomsky não são manuais de ação e enfrentamento da realidade. Mas, sim, oferecem uma clareza de debates que auxiliam a lidar com os problemas de determinar o que é uma ação apropriada em uma conjuntura histórica particular e decidir que tipo de trabalho deve ser realizado, sempre mantendo o intuito de encorajar as possibilidades criativas inerentes a todos os seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documento Eletrônico

BARSKY, Robert. Noam Chomsky: A Life of Dissent. Massachusetts: The MIT Press, 1997. Disponível em: <<http://cognet.mit.edu/library/books/chomsky/chomsky/>>

CHOMSKY, Noam. *A Visit to Laos*. In: The New York Review of Books, 1970. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19700723.htm>

_____. *After Pinkville*. In: Bertrand Russell War Crimes Tribunal on Vietnam, 1971. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/1971----02.htm>

_____. *Cambodia*. In: The New York Review of Books, 1970. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19700604.htm>

_____. *Distortions at Fourth Hand*. In: The Nation, 1977. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19770625.htm>

_____*Foreword.* In Bertrand Russell War Crimes Tribunal on Vietnam. 1971. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/1971----.htm>

_____*In Defense of the Student Movement.* 1971. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/1971----03.htm>

_____*In North Vietnam.* In: The New York Review of Books, 1970. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19700813.htm>

_____*Mayday: The Case for Civil Disobedience.* In The New York Review of Books, 1971. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19710617.htm>

_____*Notes on Anarchism.* In: GUÉRIN, Daniel. Anarchism: From Theory to Practice, 1970. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/1970----.htm>

_____*On Resistance.* In: The New York Review of Books, 1967. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19671207.htm>

_____*On the Backgrounds of the Pacific War.* In: Liberation, 1967. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/196709--.htm>

_____*Philosophers and Public Philosophy.* In Philosophy and Public Affairs, 1968. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/196810--.pdf>

_____*Reflections on a Political Trial.* In: The New York Review of Books, 1968. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19680822.htm>

_____*The Meaning of Vietnam.* The New York Review of Books, 1975. Disponível em: <<http://chomsky.info/articles/19750612.htm>>

_____*The Menace of Liberal Scholarship.* In: The New York Review of Books, 1969. Disponível em: <<http://chomsky.info/articles/19690102.htm>>

_____*The Pentagon Papers and U.S. Imperialism in South East Asia.* In: The Spokesman. 1972/3. Disponível em: <<http://chomsky.info/articles/1972----.htm>>

_____*The President and the Presidency.* In: Liberation. November, 1973. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/197311--.htm>

_____*The Repression at Belgrade University.* In: The New York Review of Books, 1974. Disponível em: <http://www.chomsky.info/articles/19740207.htm>

_____*The Responsibility of Intellectuals.* The New York Review of Books, 1967. Disponível em: <<http://chomsky.info/articles/19670223.htm>>

_____*Vietnam: How Government Became Wolves.* In: The New York Review of Books, 1972. Disponível em: <<http://chomsky.info/articles/19720615.htm>>

JASMIN, Marcelo Gantus. *História dos Conceitos e Teoria Política e Social: referências preliminares*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol 20, Nº 57, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a02v2057.pdf>.

KNIGHT, Chris. *Decoding Chomsky*. European Review, Vol. 12, No. 4, 2004. Disponível em: <http://www.chrisknight.co.uk/decoding-chomsky/>.

MILLS, C, Wright. *Letter to New Left*. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/humanism/mills-c-wright/letter-new-left.htm>.

SKINNER, Quentin. *Meaning and understanding in the history of ideas*. History and Theory, Vol. 8, Nº 1, 1969, p. 3-53. Disponível em: <http://sydney.edu.au/intellectual-history/documents/skinner-meaning.pdf>.

SZABÓ, Zoltán Gendler. *Noam Chomsky*. In: LEPORE, Ernest (ed), Dictionary of Modern American Philosophers 1860-1960, Bristol, 2004. Disponível em: <http://www.chomsky.info/bios/2004----.htm>

Livros

CHOMSKY, Noam. *Estados Fracassados. O abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2009.

_____ *Language and Politics*. Oakland: Ak Press, 1988.

_____ *The American Power and the New Mandarins*. Londres: Pelican Books, 1969.

FORNER, Eric. *The Story of American Freedom*. Nova York/Londres: W. W. Norton & Company, 1998.

HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos – O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

KATSIAFICAS, George Nicholas. *The Imagination of New Left: A Global Analysis of 1968*. Boston: South end Press, 1987

LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history and reading texts*. Ithaca: Cornell University Press, 1983

MARTELLI. Carlo. *Intelctuais* In: BOBBIO, Norberto (org) *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UNB, 1993.

SKINNER, Quentin. *Meaning and Understanding in the History of Ideas*. In: TULY, James. *Meaning and Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

_____. *Motives Intentions and Interpretation of texts*. In: TULY, James. *Meaning and Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

_____. *Reply to my critics*. In: TULY, James. *Meaning and Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

_____. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.